

APF

ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA

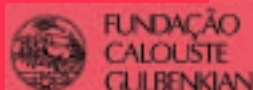
# Educação Sexual em Rede



Nº 2 OUTUBRO 2005 / JANEIRO 2006

- Educação Sexual nas escolas: um tema polémico ???
- Representações dos Pré-Escolares acerca da Sexualidade Humana
- Educação para a Sexualidade - a experiência francesa

Com o apoio:



## Educação Sexual nas escolas: um tema polémico???

Na última revista "Teste Saúde" (Abril 2006) foi apresentado um estudo sobre a sexualidade dos portugueses, que incluía algumas questões sobre a educação sexual nas escolas.

Este estudo, baseado em mais de 3600 questionários, foi considerado representativo da população adulta portuguesa.

Cerca de 90% dos inquiridos estavam de acordo com a educação sexual nas escolas e 87% consideravam que ela deveria ser obrigatória.

Quanto à forma como a educação sexual deveria ser integrada, mais de metade dos inquiridos pensava que deveria haver uma disciplina, e 38% achava que a mesma se deveria integrar nas disciplinas onde tal fosse possível.

Estes dados novos vêm demonstrar que, ao contrário do que muitas vezes é afirmado, a educação sexual nas escolas não é, no nosso país, um tema polémico.

Pelo contrário, a existência de acções e programas de educação sexual nas escolas é, como se vê, altamente consensual na população adulta portuguesa. Aliás, a sua muito alta aceitação pela população jovem tinha sido já evidenciada em todos os estudos com amostras juvenis em que a questão foi colocada.

Quem tem estado envolvido nesta matéria sabe, no entanto, que em todos os níveis de funciona-

mento do nosso sistema educativo, das equipas ministeriais às direcções das escolas, e entre muitos professores, existe a ideia contrária: a educação sexual é um tema polémico e potencialmente conflituoso entre as famílias e as escolas.

Este argumento tem vindo a ser frequentemente usado para evitar o envolvimento de professores e escolas nesta matéria, ou para justificar a ausência de políticas claras de promoção da educação sexual nas escolas, por parte do Estado português. Tem sido, também, um argumento frequentemente usado por grupos que se opõem à educação sexual nas escolas.

Fica, pois, claro, que a grande maioria da população adulta, ao afirmar o seu apoio à educação sexual com carácter obrigatório, não vê na educação sexual qualquer relação conflitual com as famílias ou, como às vezes também é dito, uma inaceitável intromissão do Estado no papel das famílias. Antes a entende como uma necessidade da grande maioria da população portuguesa.

Ou seja, este estudo mostra que as políticas e as acções de promoção da educação sexual nas escolas e os profissionais que as desenvolvem contam com uma enorme base de apoio social e que, muitas vezes, se vêem e se inventam conflitos onde, de facto, não os há.

De resto, reafirmamos a ideia de que as famílias e escolas intervêm, com melhor ou pior qualidade,



na educação sexual das crianças e dos jovens e que, o que há a fazer, é apoiar estas duas instâncias de socialização a agirem de forma mais efectiva nesta dimensão tão importante do crescimento e da vida.

## Das intenções à realidade

Como se sabe, a Ministra da Educação, no Despacho nº 25 995/2005, de 28 de Novembro último, clarificou as intenções do ME em relação à educação sexual.

Retomando, aliás, políticas anteriores, a educação sexual foi considerada uma componente de uma dimensão mais vasta – a Educação para a Saúde. Ambas deverão ser incluídas de forma transversal nas várias disciplinas e também nas chamadas Áreas Curriculares Não Disciplinares, como a Formação Cívica, ou a Área de Projecto.

Como também é sabido, o Grupo de Trabalho que foi nomeado pela ME e que é coordenado pelo Professor Daniel Sampaio ficou com a incumbência de definir e pôr em marcha este processo, tendo recebido projectos de mais de 180 escolas de todo o país.

Por outro lado, foi assinado, neste âmbito, um protocolo de colaboração entre o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde.

Estes factos são, em si mesmos, positivos, mas contrastam com outros negativos, tais como a não aprovação das acções de formação de professores nestas áreas, por não estarem dentro das exíguas prioridades definidas pelo Ministério para a formação de professores em 2005/2006.

No entanto, seria um tremendo erro começar de novo como se nada tivesse acontecido e como se não existissem no terreno recursos, com formação e experiência para o desenvolvimento de programas de educação sexual.

## A APF com novos projectos: o “Bem Me QuerES na Escola”

É neste contexto que a APF apresentou ao Ministério um novo projecto que visa apoiar as escolas e professores no desenvolvimento de acções de educação sexual – o projecto “**Bem Me QuerES na Escola**”.

Este projecto é semelhante a uma Oficina de Formação: parte da organização e formação de uma equipa de professores (e eventualmente outros técnicos) que se comprometem a elaborar e desenvolver acções de educação sexual e, caso não exista, um Projecto de Educação Sexual no contexto dos projectos de Educação para a Saúde a que atrás aludimos.

A formação da equipa é, pois, traçada e realizada à medida das necessidades de formação expressas pelos participantes e que é imediatamente traduzida na programação e concretização de actividades educativas. Pretende-se, assim, ultrapassar o fosso muitas vezes existente entre a formação em sala e o envolvimento concreto em acções de educação sexual.

Assim, neste novo contexto, a APF continua a ser um recurso de apoio às escolas e professores que no-lo solicitarem.

**O Director**



# A ORQUÍDEA & O BEIJA-FLORES

SOBREVOANDO AS QUESTÕES SEXUAIS DOS JOVENS



REVISÃO CIENTÍFICA  
JOSÉ PACHECO  
MARIA JOSÉ ALVES



As muitas questões que compõem este livro traduzem as dúvidas e as preocupações dos jovens portugueses ao nível da sexualidade. O crescimento fisiológico, os primeiros amores, as primeiras relações sexuais e o que por inerência lhe está ligado: a contraceção, a gravidez, as infecções sexualmente transmissíveis, bem como um sem número de quês e porquês.

As respostas pretendem ser claras e directas, dirigidas aos jovens mas também aos educadores, pais e professores interessados em aprofundar os seus conhecimentos na área da sexualidade e que se confrontam ou poderão vir a confrontar com questões às quais, muitas vezes, faltam palavras na hora da resposta.

NAÕ SÓ PARA OS JOVENS, MAS TAMBÉM PARA OS EDUCADORES

recomendado pela ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA



## NA TUA CASA OU NA MINHA

O tema da sexualidade origina frequentemente silêncios e bloqueios nos adultos que em nada ajudam a satisfazer a curiosidade dos adolescentes e jovens sobre o tema.

Entregues a si próprios, acabam por obter dos colegas e amigos o essencial daquilo que julgam saber sobre sexualidade, o que se traduz, muitas vezes, em ideias e informações erradas, tabus e falsas crenças.

Escrito numa linguagem acessível mas rigorosa, *Na tua casa ou na minha* fornece um amplo conjunto de informações úteis, abordando, sem tabus, os principais temas relativos aos aspectos físicos e afectivos da sexualidade dos jovens.

Tendo surgindo como resposta às interrogações e dúvidas reais colocadas por adolescentes e jovens, a obra constitui igualmente uma útil ferramenta de trabalho para pais e educadores que, cada vez mais, são chamados a participar na educação sexual dos jovens.



# Do que eles se lembram!

## Representações dos Pré-Escolares acerca da Sexualidade Humana

**Lúcia de Fátima Mota Ferreira Freitas**

■ Professora Adjunta da ESEPD ■

### Resumo

Este estudo centra-se nas representações da sexualidade humana das crianças de 5/6 anos, com uma representatividade igualitária de ambos os sexos.

Compreender a sexualidade como força vital, realidade e energia existente em nós que se processa desde o nascimento até à morte, é importante para que o seu conhecimento seja deixado ao acaso.

Assumimos que as crianças precisam de formação e reflexão em torno da sua consciência sexual e das suas formas de manifestação e expressão o mais cedo possível.

### Introdução

Este artigo é baseado nos resultados obtidos do estudo realizado no âmbito do Mestrado em Saúde Escolar em 2003, tendo como objecto o discurso acerca da sexualidade humana. O estudo foi do tipo descritivo e exploratório, privilegiando uma abordagem qualitativa com o intuito de atingirmos os seguintes objectivos: conhecer as representações das crianças do ensino pré-escolar relativamente à reprodução humana e ao corpo humano sexuado; identificar as expressões de afecto entre pais e filhos e entre pares, verbalizadas pelas mesmas crianças e identificar os seus estereótipos relativamente aos papéis sexuais/género.

Estes objectivos partem do reconhecimento da im-

portância que percepções diferentes da sexualidade guiam o planeamento e a articulação de estratégias de intervenção entre os profissionais de saúde e de educação. Para além disso, temos consciência que todo o processo de formação terá um papel efémero se não for acompanhado de uma prática centrada e desenvolvida em contexto real. Este estudo teve como finalidade contribuir para uma reflexão dos profissionais de enfermagem e de educação sobre a necessidade e importância da educação sexual formal no ensino pré-escolar. Os dados foram obtidos através da entrevista associada à técnica do Focus Group. A população do estudo consistiu nos estudantes do ensino pré-escolar das escolas oficiais de Ponta Delgada. Em cada turma foi seleccionado um grupo de 6 crianças, com uma similitude de ambos os sexos (38 do sexo masculino e 34 do sexo feminino), perfazendo um total de 12 grupos (72 crianças). Quanto à idade, 42 tinham 5 anos e 30 tinham 6 anos.

### Representações acerca da Sexualidade Humana

A partir dos dados colhidos foi possível identificar elementos comuns que se agruparam em quatro áreas entendidas como dimensões da sexualidade humana, assumindo o conceito de sexualidade da OMS, que corresponde igualmente aos objectivos já anteriormente explicitados. Foram áreas assumidos por nós como pertinentes e adequados



para a análise de conteúdo efectuada, sendo elas:

- Representações acerca da reprodução humana;
- Representações do corpo humano sexuado;
- Expressões de afecto;
- Reconhecimento dos papéis sexuais/género.

Estes eixos de análise deram origem ao sistema de categorias a que recorreremos para interpretar as metáforas discursivas das crianças participantes, que passaremos a descrever.

## Reprodução Humana

A reprodução humana é uma questão importante para a constituição da sexualidade e do conhecimento. Pela sua evidência concreta, mesmo para o olhar de uma criança, é um tema que desperta a curiosidade infantil que, por sua vez, é movida por componentes intelectuais, emocionais e interpessoais que se cristalizam em diversos tipos de perguntas, tais como: Como se fazem os bebés? Onde estão os bebés antes de nascerem? Por onde nascem os bebés?

### Como se fazem os bebés?

Embora com explicações muito simples de como se concebe um bebé humano, a maior parte das crianças (56%) tem a noção de que este é concebido através de uma semente.

*"Eles estão numa semente do pai, depois vai para a mãe, os pais metem nas mães na barriga."*

*"Põe-se a sementinha dentro da mãe, ela fica gorda e depois nasce."*

Em 15% das respostas, as crianças falam-nos de um alimento fecundante:

*"É comer muita comida, muito feijão, se não se come nada o bebé morre na barriga."*

*"As mulheres precisam de comer muito para ter o bebé."*

Várias crianças explicam a fecundação humana por geração espontânea, como se verifica:

*"Eles nascem lá, eles nascem na barriga da mãe sozinhos."*

Com 13% das respostas, podemos encontrar explicações relacionadas com o mundo das fábulas e do sobrenatural.

*"Ah! É o Jesus que faz o bebé, o Jesus é que faz os olhos, as sobrancelhas, o cabelo, a cabeça, a cara..."*

*"É verdade as cegonhas levam os bebés a casa."*

Com 6%, encontramos respostas igualmente interessantes:

*"A fábrica, eles é que fazem os bebés no hospital."*

*"Se a gente tivesse uma forma, a gente podia fazer com plasticina."*

### Onde estão os bebés antes de nascerem?

A maioria das crianças, 77 %, disse que antes de nascer o bebé estava na barriga da mãe. No entanto, 23% das respostas, referem que o bebé antes de nascer está:

*"No berço."*

*"No hospital."*

*"Na cegonha."*

### Por onde nascem os bebés?

A maioria das respostas das crianças, 62%, associa o nascimento à via abdominal.

*"Eu saí pela barriga da minha mãe, por aqui (aponta para a barriga)."*

*"Eu concordo que é pela barriga, nunca vi pela chichona."*



Em 18% de respostas a via vaginal é tida como única via para o nascimento.

*"É pelo pipi."*

*"Eu tenho uma foto como nasci pela chichona."*

Em 11% de respostas as crianças referenciam as duas possíveis vias de nascimento, via abdominal/vaginal.

Encontramos 9% das respostas, com seguinte teor:

*"Pelo rabo."*

*"É pelo umbigo."*

### Corpo Humano Sexuado

Que diferenças encontram as crianças do nosso estudo entre meninas e meninos e entre eles e os seus pais?

A partir da análise das suas respostas foi possível reconhecer que as descrições estão mediatizadas, fundamentalmente pela percepção visual. As crianças tendem a definir-se a si próprias e aos pais em termos físicos nomeando características concretas e observáveis.

Os **aspectos físicos** com 62% das respostas foram os mais referenciados seguindo-se os relacionados com o **género** com 34%.

Relativamente aos aspectos físicos, os considerados **gerais** engloba 24% das respostas e os **sexuais** 38%, subdividindo-se este último em **caracteres sexuais secundários** com 21% das respostas e **genitais** com 17%.

### Diferença entre meninas e meninos

O âmbito da diferenciação primária masculino/feminino ultrapassa largamente os critérios biológicos e assume um claro significado sócio cultural, como é patente nas respostas obtidas. Em 34% das mesmas e com uma similitude de ambos os sexos, as crianças assinalaram a diferença

entre os sexos com base em questões relacionadas com o género, mais especificamente nos **aspectos exteriores da pessoa**, sendo o cabelo, os adornos e o vestuário os mais apontados. Em 17% das respostas a diferenciação sexual é feita através dos órgãos genitais externos.

### Diferença entre crianças e adultos

As características físicas mais apontadas para diferenciar as crianças dos adultos foram o tamanho das diferentes partes do corpo incluindo os seios, bem com os pêlos e a cor do cabelo tornando-se evidente que os caracteres sexuais secundários (21%) acentuam e tornam mais visível a diferenciação sexual (seios, pilosidade, modificação da voz, etc.).

Note-se que a força é referenciada equitativamente pelos dois sexos não só para os diferenciar dos adultos, mas também como atributo mais característico no homem.

Nos aspectos físicos **gerais** (24%), o tamanho corporal foi o mais referenciado seguido pela força, para os diferenciar dos adultos.

Saliente-se que 4% das respostas não identificam diferenças entre os sexos.

### Expressões de Afecto

Obtivemos, nesta área temática, uma maior concentração de respostas nas manifestações de afecto entre pais e filhos do que entre pares, numa correspondência percentual de 74% e 26% respectivamente.

### Entre Pais e Filhos

Às questões: como é que os vossos pais mostram que gostam de vocês? E como mostram aos vossos pais que gostam deles?

As crianças deste estudo mostram em primeiro





lugar serem sensíveis a comportamentos de atenção (33%) por parte dos pais, como o dar presentes, brincar, ajudar, como se verifica:

*"Dão presentes que é o mais importante."*

*"Porque eles brincam com a gente."*

*"A ajudar a fazer os trabalhos de casa."*

O **contacto físico**, com 26%, surge em segundo lugar onde o dar e receber beijinhos e abraços é o mais verbalizado pelas crianças, como se pode ver:

*"Quando dão beijinhos, quando a gente vai dormir."*

*"Dar beijos e abraços."*

As manifestações de afecto das crianças para com os pais reflectem comportamentos de **aprovação** (12%) como o obedecer, o agradecer, o não serem agressivos, como se verifica:

*"Indo buscar as coisas que eles querem."*

*"Comer."*

*"É não fazendo asneiras e é o não brigar com eles."*

*"Portar-se bem."*

Em 3% de respostas incluem-se as manifestações verbais como forma de expressões de afecto:

*"Porque os pais disseram à gente que gostavam, os nossos pais sempre gostaram da gente, eles sempre gostaram."*

*"Eu gosto deles mas não dou beijos."*

## Entre Pares

A **brincadeira** (14%) é uma forma bastante valorizada como expressão de afecto entre as crianças e é bastante visível nas respostas que se seguem:

*"Brincando com os amigos."*

*"A gente está sempre a brincar com eles, a gente faz o que eles fazem à gente, brinca todos os dias com eles."*

**Agradar** (11%) como o dar presentes e o emprestar objectos é também valorizado como expressão de afecto entre pares:

*"Dá prendas."*

*"Às vezes vão também dormir para a casa do outro amigo e também emprestam coisinhas para eles brincarem."*

*"Emprestar livros."*

As manifestações de afecto que implicam contacto físico, como os beijos e abraços, praticamente estiveram ausentes das manifestações de afecto entre pares.

## Reconhecimento dos Papéis Sexuais/Género

No âmbito deste eixo de análise, emergiram quatro categorias: Actividades da criança (45%); Actividades do adulto observadas (23%); Flexibilidade da norma (28%) e Indicadores de identidade (4%).

As respostas às questões colocadas nesta dimensão permite-nos dizer que no âmbito do reconhecimento dos papéis sexuais/género por parte dos participantes do nosso estudo, verifica-se que a percepção de se reconhecerem menino ou menina aos 5-6 anos já está marcada por uma série de normas e regras estabelecidas pela nossa sociedade, que diferencia de forma clara o que se espera de ambos os sexos.

## Actividades da criança

Nos dados revelados pelas crianças do nosso estudo, é evidente o facto de serem atraídas por determinados tipos de brinquedos segundo as tendências próprias do sexo a que pertencem. Os meninos escolhem decididamente brinquedos do tipo "masculino" tais como carros, camiões, bo-



las, *play-station*. Como bonecos preferidos elegem o Action man. As meninas evidenciam a tendência para escolher bonecas, especificamente a Barbie. Dada a maior agressividade atribuída ao sexo masculino e possivelmente um maior nível de actividade, talvez não cause surpresa que os meninos, relativamente às meninas do nosso estudo, mostrassem mais interesse por actividades físicas ao ar livre e espaços abertos. Por seu turno, as meninas mostraram interesse por jogos com menor actividade física e mais circunscritos no espaço.

Nas actividades de **ajuda aos adultos** que as crianças já desenvolvem em suas casas, nota-se que as consideradas específicas ou tradicionais do género feminino são executadas maioritariamente por meninas, como por exemplo:

*"Eu ponho a mesa."*

*"Eu ajudo a minha mãe a fazer comida"*

*"Ajudo a limpar a casa."*

Apesar de alguns meninos dizerem:

*"Eu faço as camas."*

*"Eu ajudo a fazer bolos e a fazer comida."*

As actividades consideradas específicas do género masculino são desenvolvidas essencialmente por meninos:

*"Lavo o carro e a moto."*

*"Eu trabalho na garagem com o meu pai."*

### **Actividades do adulto observadas pela criança**

As actividades consideradas específicas femininas, como o fazer a comida, lavar a louça, arrumar a casa, entre outras, foram essencialmente **observadas** na figura materna.

Apenas seis das 51 respostas fazem referência a

actividades consideradas tradicionalmente femininas executadas por homens.

Desde cedo que as crianças vêem e associam o papel de **cuidador** associado à figura feminina. Este facto é evidente no nosso estudo, quando as crianças relativamente à pergunta – Quem cuida dos bebés quando nascem? - Responderam maioritariamente assim:

*"As mães."*

*"As mães têm mais jeito para cuidarem dos bebés."*

### **Flexibilidade da norma**

No sentido de conhecer e caracterizar a forma como as crianças participantes no estudo categorizam os papéis e estereótipos sexuais através das suas ocupações e dos traços distintivos, formulamos as seguintes questões: O que acham dos meninos brincarem com bonecas? E de uma menina brincar com bolas, carros e aos cowboys? Um menino/menina pode chorar e ter medo? Os meninos têm de ser sempre fortes e heróis?

Destas questões emergiu um conjunto de respostas que agrupamos nas subcategorias **rígida** e **flexível** da categoria em análise.

Uma postura **rígida** é revelada em 130 respostas (19%), às questões anteriormente mencionadas.

À questão – O que acham dos meninos brincarem com bonecas? - Responderam manifestando desagrado e emitindo regras e rótulos, como se pode constatar:

*"Os meninos não brincam com bonecas, só brincam com brinquedos dos meninos."*

*"Os meninos não devem brincar com bonecas, porque as bonecas são das meninas."*

*"É rapariga, é paneleiro."*

Por sua vez as meninas verbalizam:

*"A gente chama maricas todos os dias."*



*"Porque não são brinquedos de rapazes."*

*"Porque não são meninas."*

*"Eu quero dizer um coisa importante, os meninos só devem brincar com coisas de menino e as meninas com coisas de meninas."*

À pergunta - O que acham de uma menina brincar com bolas, carros e cowboys? - responderam:

*"Ficam senhores."*

*"A gente chama elas de rapazes."*

*"Elas são meninas e se brincarem com os action man, são rapazes."*

*"Elas não podem."*

Relativamente à pergunta sobre terem medo e chorarem, no que se refere às meninas, as crianças disseram:

*"Não podem."*

*"Ter medo não, só chorar."*

*"Chorar também não."*

*"Então os meninos não choram e as meninas também não devem chorar" (3f – 10)*

Quanto aos meninos, referem:

*"Eu não tenho medo."*

*"Os rapazes é que não, os rapazes não são medricas."*

*"Não se deve chorar."*

*"Não podemos chorar."*

Ao facto de terem de considerar os meninos sempre fortes e heróis, dizem:

*"Quando as raparigas têm medo de algum bicho, que seja algum peixe que morde ou algum lagarto, os rapazes podem tirar o bicho e podem matar."*

*"E a gente salva as raparigas (Yupa)!"*

Evidenciando a superioridade física masculina relativamente à feminina, os rapazes verbalizam:

*"Quando uma coisa acontece às raparigas, os meninos é que são mais fortes do que as raparigas."*

*"Os meninos têm mais força do que as mulheres."*

Numa atitude mais **flexível**, por vezes impondo algumas condições ou até mesmo sendo selectivos em determinadas situações, uma percentagem de 9% responde às questões já anteriormente mencionadas do seguinte modo:

*"Os rapazes também brincam com bonecas."*

*"Podem brincar, as meninas podem brincar com carrinhas e com bolas."*

*"Às bolas podem."*

*"Os meninos também podem brincar com bonecas, não há problema."*

*"Não ficamos maricas."*

*"Eu brinco com o marido da Barbie (...) se os rapazes brincarem com bonecas não faz mal, os rapazes podem ser o pai das bonecas."*

Uma menina/menino pode ter medo e chorar?

Quanto às meninas:

*"Pode quando tem um fantasma."*

*"Pode." (5f – 3)*

Quanto aos meninos:

*"Só quando alguém morre."*

*"Só quando os pais batem."*

*"É o quando a gente se magoa tanto no chão, não é?"*

Relativamente aos meninos serem sempre fortes e heróis, obtiveram-se apenas quatro respostas cujo conteúdo foi "Não."

## Indicadores de Identidade de Género/Sexual

Os indicadores mais apreciados no sexo oposto e verbalizados pelas crianças do nosso estudo

foram os relacionados com os atributos físicos (olhos, cabelo).

### Conclusões

Podemos aqui esboçar algumas conclusões que podem ser retiradas, fundidas em grande medida, nas dimensões da sexualidade que pretendíamos conhecer.

Por ser um estudo de carácter exploratório, parece-nos pertinente considerar que as conclusões apresentadas têm um carácter contextual e são resultado de uma "leitura" da realidade estudada, com as necessárias tomadas de posição, assumindo, portanto, o risco de tentar a objectividade dentro da subjectividade que é a complexidade do comportamento humano.

No que se relaciona com a reprodução humana, verificámos que as crianças possuem várias hipóteses sobre a concepção e o nascimento. Cada cultura possui os seus mitos, crenças e costumes, permitindo-lhes construir os seus conhecimentos em relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. O que as crianças desse estudo dizem a respeito desta temática reflecte não só as suas crenças e as de um grupo, mas também a sua estrutura afectiva e cognitiva.

A maioria das crianças afirmou que o bebé antes de nascer está na barriga da mãe, no entanto, algumas delas pensam ainda que o bebé está no hospital, na cegonha, no berço, etc.

À indagação de como se faz um bebé, estas crianças revelam níveis de compreensão condizentes com o seu estágio de desenvolvimento cognitivo e psicossocial. A maioria associa a fecundação a uma "sementinha", sem muitas explicações complementares, nem evidenciando o papel do pai na fecundação. A existência de homens e mulheres no mundo por um acto de Deus, por magia, por fabricação, por geração

espontânea, por ingestão de alimento, também é possível para algumas crianças do nosso estudo, verifica-se aqui que a palavra do adulto é interpretada pela criança, de acordo com as suas possibilidades individuais.

Quanto ao fenómeno do nascimento, ele está maioritariamente associado à via abdominal, ficando a via vaginal para segundo plano, e as duas possíveis vias (vaginal/abdominal) em último lugar com uma pequena percentagem.

Fica-nos a interrogação se a mediação do adulto, por vários meios, não possibilitaria a abertura de novos canais que pudessem desencadear nestas crianças, outros processos igualmente complexos de compreensão da realidade.

Relativamente ao corpo humano sexuado, esta pesquisa torna possível concluir que para estas crianças, a diferença entre os seus corpos e o dos pais é marcada essencialmente pela evidência perceptiva dos caracteres sexuais secundários. Os seios marcam a diferença no sexo feminino; a voz e os pêlos, em diferentes locais anatómicos, marcam a diferença no sexo masculino. O tamanho corporal foi a característica física não sexual, mais apontada para os diferenciar dos adultos.

A diferença sexual mais apontada para diferenciar o menino da menina foi os órgãos genitais externos. Simultaneamente, foi revelado um desconhecimento generalizado da terminologia correcta para os designar. O que confirma a importância do cuidado que devemos ter com o vocabulário e com a linguagem que utilizamos, não só porque é um instrumento de comunicação muito importante, mas também porque através dela expressamos os significados e valores que damos às coisas. A linguagem influencia, portanto, as concepções que construímos em torno da sexualidade, convertendo-se muitas vezes no regulador das nossas condutas (López Sánchez, 1994).



Uma percentagem significativa de respostas (34%) evidencia como critério de diferenciação sexual características de género como o cabelo, os adornos e o vestuário. Constatou-se também que há crianças que verbalizam não existir diferenças anatómicas entre meninos e meninas.

Os dados recolhidos neste estudo confirmam ainda a necessidade das crianças desta idade conhecerem o seu próprio corpo, as diferenças físicas entre meninos e meninas e as mais visíveis relativamente às pessoas adultas. É importante dar resposta aos interesses e curiosidade próprios desta idade, de forma natural, cuidando que esta informação seja de uma visão integral e positiva do próprio corpo e das suas funções.

Trabalhar estes temas com as crianças, põe-nos em contacto com as ideias prévias ou concepções autónomas que meninos e meninas mantêm sobre a sexualidade, mais especificamente sobre uma das suas dimensões, as diferenças genitais bem como o conceito de identidade sexual. Potenciar o conhecimento sexual, como diz López & Fuertes (1999), implica conhecer a sua evolução e não necessariamente a construção completa e definitiva de um conceito ou noção.

O nosso segundo objectivo pretendia conhecer as expressões consideradas de afecto por estas crianças nos seus relacionamentos com os pais e pares. As expressões de afecto dos pais para com elas mais referenciadas neste estudo são manifestações de atenção, nomeadamente o dar presentes, o brincar e ajudá-los a fazer as tarefas escolares. Em segundo lugar, surgem as manifestações de afecto que implicam contacto físico, como os beijos e abraços e, por último, as manifestações verbais de afecto.

As expressões de afecto das crianças para com os pais revelam comportamentos que tendem à

aprovação destes, tais como: obedecer; ficar quieto; não fazer asneiras; não ser agressivo. Por seu turno, estas crianças mostram entre si que se gostam, essencialmente através da brincadeira, pelo que não devemos esquecer a sua importância na socialização, através da sensibilização para o espírito de grupo, a cooperação, a confiança, a interdependência e o desenvolvimento da identidade pessoal.

Para além da brincadeira, mostram também gostar de seus pares, com agrados, quer pela dádiva de presentes, quer por empréstimos de cassetes, DVD's e livros. O contacto físico entre pares não é verbalizado por estas crianças, o que pode revelar com os dados já referenciados relativamente ao corpo humano sexuado, a necessidade destas crianças adquirirem progressivamente uma concepção do corpo como fonte de sensações, comunicação e prazer.

Relativamente ao último objectivo que pretendíamos identificar nas crianças, os estereótipos relativos aos papéis de género, parece-nos possível concluir que, tanto no discurso das meninas, como no dos meninos, é realçado que a selecção do brinquedo e das brincadeiras está de acordo com o que é apropriado para eles socialmente: bonecas para as meninas e carros e bolas para os meninos.

Quando explicitam ou emitem regras, tais como: uma menina brinca na casinha das bonecas e o menino brinca na garagem com os carrinhos, quando rotulam de "maricas" quem faça o contrário, ou ainda, quando explicitam a proibição de brincadeiras comuns entre meninos e meninas, condiciona-se a visão do mundo destas crianças, o que muitas vezes pode impedir a abertura para a possibilidade de novas brincadeiras e novas descobertas.



Esta dicotomia entre “coisas de menino” e “coisas de menina”, presente neste estudo, chama a atenção para a barreira que se cria nas possibilidades da criança conhecer o mundo, no que diz respeito aos papéis sexuais à diferenciação, e, até, à desigualdade na construção da representação social do mundo, por parte dos meninos e meninas do nosso estudo.

Algumas crianças não foram tão rígidas quanto a brincadeiras exclusivas de meninos e meninas, mostrando abertura para novas possibilidades, expressando o termo “pode”.

Outra dicotomia emergente neste estudo relativamente às brincadeiras diz respeito à passividade para as meninas e maior actividade para os meninos, o que reflecte a herança social, em que a passividade imposta às mulheres é fruto da repressão social e a agressividade estimulada nos homens. Estas crianças não só observam no seu dia-a-dia os seus pais no desenvolvimento de actividades e tarefas consideradas próprias de género, como também colaboram nelas. As funções paternas e maternas e a adopção de papéis inclusive, sexuais, constituem um aspecto importante da compreensão da sociedade. Os modelos masculinos e femininos fornecem os esboços para o esquema sexual que possibilitam à criança agir e operar sobre o meio e evidenciam a sua organização interna.

Podemos concluir, pelos dados revelados nesse estudo, que as crianças estão a adoptar padrões

de comportamento que combinam com um ou outro esquema sexual. Reflectir no que é ser homem ou ser mulher implica discutir estes estereótipos, que não deixam de ser esquemas sexuais rígidos para ambos os sexos, com o consentimento da sociedade. São estas e outras discussões que permitem os questionamentos, as discussões e vão promover um conhecimento mais autêntico.

Se a construção da representação social pressupõe não só a informação mas também a organização dessa informação por parte da criança, é lícito perguntar-se: Que espaço têm as crianças do nosso estudo para elaborarem mentalmente, de acordo com a sua estrutura cognitiva/afectiva/social, estas questões de género? Não estarão estas crianças repetindo padrões e condicionamentos que determinam aquilo que menino e menina devem fazer, ditados por uma sociedade que preconiza e valoriza umas atitudes em detrimento de outras?

Responder a estas e a muitas outras questões é reflectir sobre a educação sexual que, na nossa perspectiva, passa também por uma formação de uma atitude de equidade face ao género sendo importante o contexto de aprendizagem e os modelos apresentados à criança em idade pré-escolar.

Deste estudo, podemos ainda concluir que, apesar das modificações profundas que a sociedade sofreu face à sexualidade, subsistem ainda algumas heranças que resistem à mudança dos tempos e vontades.



### Bibliografia

López, F. & Fuertes, A. (1999). *Para Compreender a Sexualidade*. Lisboa: APF.

López Sánchez, F. (1994). *Sexualidad en la Etapa Infantil*. In Gobierno de Canarias. Consejería de Educación, Cultura Y Deportes Dirección de Promoción Educativa. Programa Harimaguada. *Guía Didáctica del Profesorado: Educación Afectivo – Sexual en la Etapa Infantil*. San Isidro: Gobierno de Canarias.

# A importância dos Projectos em Escolas

**Ana Parreira**

Professora da Escola EB 2,3 Damião de Odemira

Como professora não posso ficar indiferente à epidemia do VIH/SIDA, à gravidez involuntária de adolescentes e ao abuso sexual de menores que no nosso país tende a aumentar, por não terem sido tomadas medidas sérias e responsáveis por parte dos adultos.

A escola tem o dever de ajudar as crianças e os jovens a crescer confiantes, contribuir para que tenham uma vivência mais informada dos afectos, ajudando-os na organização da sua vida afectiva, sexual e reprodutiva.

O facto dos jovens passarem o período da adolescência nas escolas do Ensino Básico 2,3 e Secundário (sendo esse o local privilegiado da socialização destes jovens) e não integrarem projectos para serem acompanhados pelos adultos, ficando entregues a crenças e influências que os podem induzir negativamente, vai inevitavelmente contribuir para que corram riscos desnecessários. Iniciei a minha actividade nesta área no ano lectivo de 2001/02 na Escola Básica 2,3 de Pinhal de Frades, estou neste momento a exercer na Escola Básica 2,3 Damião de Odemira, em situação de redução total da componente lectiva, o que me permite ter ampla disponibilidade para esta actividade. Os verdadeiros entraves que tenho de registar, têm vindo da parte de alguns Conselhos Executivos que não têm apoiado o nosso trabalho, muito provavelmente devido à insegurança e desconhecimento das metodologias e das experiências em curso (já avaliadas em países da Comunidade).

Tenho, no entanto, conhecimento de escolas com projectos que são totalmente incentivados e apoiados pelos seus executivos; depende muito da formação e abertura destes professores.

A própria Comissão Nacional de Luta Contra a Sida (agora extinta), representante da EUROPEER em Portugal e que manifestou interesse em apoiar o projecto que estamos a desenvolver, nunca deu nenhuma resposta concreta às solicitações por nós apresentadas.

Estamos a trabalhar na Escola Secundária Dr. Manuel Candeias de Odemira, onde um grupo de alunos (voluntários) ao tomar conhecimento do projecto proposto pelos adultos, aderiu através da participação na elaboração de um questionário dirigido a todos os colegas da escola. O questionário, destina-se a apresentar dúvidas e a aceitar proponentes para receberem formação (dada por profissionais de saúde). Os alunos que querem participar no programa irão encontrar a forma adequada para esclarecer os colegas, tendo em conta as condições da escola. Estão envolvidos neste projecto, professores, alunos e o Centro de Saúde de Odemira.

Pretende-se que os jovens (depois de devidamente esclarecidos) elaborem formas de comunicação com outros jovens através de cartazes, desdobráveis ou pequenos filmes de animação, de molde a transmitirem os seus conhecimentos (em especial os que mudaram a sua forma de pensar), face à sexualidade e às relações afectivas e reprodutivas.



De igual modo, na Escola Básica 2,3 Damião de Odemira, os alunos apresentam dúvidas, esclarecem as mesmas e divulgam os aspectos que contribuíram para mudar a sua forma de pensar, tendo sempre presente que a informação a prestar deve estar de acordo com a necessidade de saber. Aqui o trabalho é feito através dos directores de turma, nas áreas curriculares não disciplinares, nomeadamente Formação Cívica e Área de Projecto. Dependendo da dinâmica criada, que é proporcional à motivação das escolas para integrarem novas experiências pedagógicas, assim se desenvolvem com maior ou menor sucesso estas experiências. É interessante verificar que, assim que se iniciam estas dinâmicas, outras acabam por surgir, constituindo sempre uma mais valia para a escola e para os alunos.

Para mais facilmente compreender o método de Educação Afectiva, Sexual e Reprodutiva, feito através das Metodologias Participativas de *Educação pelos Pares de forma Abrangente nas Escolas*, e que sugiro porque tem sido testado, avaliado e progredido, dando sempre lugar a novas formas de aplicação, tendo em conta as realidades das escolas e das comunidades, proponho:

1. Que sejam ouvidas as crianças e os jovens sobre os temas que pretendem trabalhar através das Caixas de Perguntas;
2. Que sejam encontradas as respostas, através dos alunos, devidamente acompanhados pelos professores e pelos profissionais de saúde;
3. Que sejam seleccionadas as questões de maior significado, para informar as outras crianças e jovens;
4. Que sejam criados meios de divulgação (cartaz, desdobrável, expressão teatral, animação, etc.) dessas mensagens, tendo sempre em conta que devem ser transmitidas pelas crianças e

jovens (com a sua linguagem), para melhor poderem ser interiorizadas.

A Educação Sexual em Meio Escolar tem sido integrada nas escolas sem ter em conta a abrangência que deve ter, limitando-se a experiências pontuais, tratando apenas os aspectos biológicos (na sua maioria) ou ainda através de gabinetes que segundo a minha perspectiva são pouco funcionais, não só porque os jovens se sentem inibidos perante este tipo de abordagem mas também porque é no espaço de turma, onde os jovens já vivem experiências e falam entre si, que devem ser trabalhados os temas da afectividade, sexualidade e dos valores que lhe são inerentes.

Os professores são, na sua maioria (e embora assoberbados de trabalho), receptivos a propostas, que levam a cabo quando devidamente solicitados e acompanhados. Os alunos não só manifestam interesse como participam entusiasmamente neste tipo de projectos. Os Encarregados de Educação manifestam sempre o seu agradecimento quando os seus filhos integram este tipo de programas.

Não estou a inventar nada de novo, este método inscreve-se nos métodos pedagógicos estabelecidos pelo Plano Europeu de Acção Conjunta para a Educação por Pares EUROPEER.

Costumo afirmar que a ausência de programa de educação afectiva, sexual e reprodutiva nas escolas é, por si só, um programa de muito má qualidade.

Temos de encarar com seriedade as vantagens da participação dos jovens nos programas de promoção da sua saúde - um compromisso com os jovens é um compromisso com o futuro.

O comportamento dos jovens que estão a iniciar a sua vida sexual, se for informado, poderá determinar o futuro da epidemia (SIDA) no nosso país.





## Sem o coração não haveria entendimento entre o cérebro e a mão

Um projecto de educação sexual no 1.º ciclo do ensino básico

**Nuno Ambrósio Lopes**

■ Médico de Saúde Pública, Coordenador de Saúde Escolar do Centro de Saúde de Sacavém ■

No sentido de potenciar as actividades desenvolvidas pelos professores, no âmbito dos programas curriculares, e de edificar uma verdadeira cooperação entre os sectores da educação e da saúde, no que à educação sexual diz respeito, o autor desenhou, em 2002, o **Projecto de Educação Sexual “Eu, tu, ele, nós, vós, eles” nas Escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico da área de influência do Centro de Saúde de Sacavém**.

Seguindo as linhas orientadoras da Educação Sexual em Meio Escolar (1), o projecto pretende contribuir para a promoção da saúde sexual e reprodutiva e a aquisição de *conhecimentos* para uma sexualidade informada, gratificante, autónoma e responsável, bem como de *referências éticas, valores, atitudes e comportamentos* adequados, nomeadamente de não-discriminação, de não-violência e de abertura à diversidade.

A escola, sendo um espaço, por excelência, de construção do saber (o **cérebro** / os **conhecimentos**), pode e deve, através de actividades curriculares e extracurriculares que mobilizem o *saber fazer* (a **mão** / os **comportamentos**) e inspirem o *saber ser* (o **coração** / as **atitudes**), promover vivências redondas ao nível afectivo e sexual, que ponham em jogo a conjugação de **conhecimentos, atitudes e comportamentos**, visando a adaptação a novas

situações – o *saber evoluir* (Sem o **coração** não haveria entendimento entre o **cérebro** e a **mão**), alicerce indispensável para uma cidadania genuína. À semelhança das personagens d’“O Feiticeiro de Oz”: o Homem de Lata que procura um coração, o Espantalho que busca um cérebro e o Leão Medroso que quer coragem para se desembaraçar (a mão, para produzir felicidade, saúde e segurança, com cabeça e coração). Cada um é indispensável, os três juntos são muito mais que a soma das partes. A metáfora vai mais longe: à imagem dos três amigos de Dorothy, todos já temos dentro de nós o que procuramos noutros sítios. Basta que as crianças disso se apercebam. Basta potenciar. Ou seja, educar para a saúde.

Assim, a **população-alvo** do projecto é constituída pelos alunos das escolas do 1.º ciclo do ensino básico da área de influência do Centro de Saúde de Sacavém (freguesias de Apelação, Bobadela, Camarate, Moscavide, Portela, Prior Velho, Sacavém, Santa Iria de Azóia, São João da Talha e Unhos).

O projecto tem por **finalidade** contribuir para que as crianças construam o “Eu em relação” – **desenvolvimento pessoal e social** (*saber evoluir*) (1).



Para tal, visa-se proporcionar às crianças (**objectivos gerais**):

- um **melhor conhecimento do seu corpo** e dos **mecanismos da reprodução humana** (*saber saber*);
- a **valorização dos afectos** e a capacidade para se confrontarem com **os modelos socioculturais do masculino e do feminino** (*saber ser*, âncora do *saber fazer*) (1).

Pretende-se contribuir para (**objectivos específicos**):

- o aumento dos seus **conhecimentos** acerca:
  - do corpo humano e da sua dissemelhança nos dois sexos;
  - dos fenómenos de discriminação social baseada nos papéis de género;
  - dos mecanismos básicos da concepção, gravidez e parto;
  - dos cuidados a dispensar aos recém-nascidos e às crianças;
- o contacto com opiniões que contribua *directamente* para a adopção de **atitudes**:
  - de reflexão face aos papéis de género;
  - de reconhecimento da importância das relações afectivas na família;
- o contacto com perspectivas que contribua *indirectamente* para o desenvolvimento de **competências** para:
  - expressar opiniões e sentimentos;
  - comunicar acerca de temas relacionados com a sexualidade (1).

Para isso, desenvolvem-se as seguintes **actividades**: sessões, com a duração de 90 minutos, realizadas na sala de aula, em tempo curricular. A sessão-tipo, aplicada com algumas adaptações, de acordo com cada um dos anos de escolari-

dade, consiste num conjunto de actividades lúdicas, sendo dinamizada com o apoio do professor. A saber:

1. **apresentação**, através de um jogo quebragelo (jogo do novelo de cordel "A cada um a sua vez", associado ao passatempo "Se eu fosse um animal seria um..."), motivando as crianças para a sessão e tentando garantir um comportamento participativo, adaptando a "experiência do visitante" (2, 3, 4);
2. actividade de "**tempestade de ideias** – nomes bonitos" (escolha de nomes bonitos de rapariga e de rapaz para atribuir às personagens da peça de teatro) (2, 3, 4);
3. **distribuição do convite**, "pessoal e intransmissível", para assistir à peça de teatro, onde se pode ler: CONVITE / Olá, (nome da criança)! O Teatro de Fantoches apresenta "Eu, tu, ele, nós, vós, eles";
4. apresentação da **peça de teatro de fantoches**, com os nomes escolhidos e algumas referências específicas (freguesia e ano de escolaridade), visando a identificação das crianças com as personagens – a peça foi adaptada de "La historia de Jonay" (5);
5. actividade plástica de construção, em grupo, de um **livro para colorir**, contando, verbal e visualmente, a história da peça e deixando espaços em branco sempre que surge o nome de uma personagem ou a referência à sua freguesia – o livro foi elaborado a partir de "La historia de Jonay" (5);
6. **discussão** das imagens contidas nas páginas do livro (pintadas e enriquecidas pelas crianças) e respectivas sínteses (2, 3, 4);
7. **síntese** da sessão pelo formador (2, 3, 4);
8. **avaliação**: desenho e/ou texto, sendo a



escolha feita pela criança ("A minha opinião") e ficha de avaliação da sessão, preenchida pelo professor (2, 3, 4).

As **estratégias** adoptadas abraçam a promoção da criatividade e da participação das crianças. Os **métodos** adoptados consideram, como pontos de partida, as vivências, os interesses e, primeiramente, as questões concretas formuladas pelas crianças. Assim, utilizam-se:

- o **método participativo**, possibilitando uma engrenagem dos diferentes saberes e contemplando o conhecimento das crianças, exigindo do animador a necessária função de estruturação das sínteses;
- o **método interrogativo**, reclamando um *fomentador* ágil e um diálogo e uma comunicação não verbal constantes, prendendo-se com a importância de colocar questões e recorrendo à produção de perguntas que promovam a reflexão activa e livre, pelo que a comunicação de conteúdos traz aos alunos múltiplas oportunidades para descontinuar e redirigir a discussão (6).

As questões colocadas pelas crianças constituem desafios que lhes podem ser – e são, muitas vezes – devolvidos, visando despertar o prazer da descoberta e o gosto pelo trabalho de grupo.

É especialmente tida em consideração a provável – e, muitas vezes, presente – diversidade de estádios de desenvolvimento e de tecidos sociais e culturais numa mesma turma.

A sessão privilegia os seguintes **conteúdos: o corpo em crescimento; as expressões da sexualidade; as relações interpessoais; a saúde sexual e reprodutiva.** Os conteúdos

são adequados à idade (6–10 anos) e nível de desenvolvimento das crianças.

Os materiais produzidos são entendidos como produtos com potenciais efeitos multiplicadores – podem e devem ser utilizados posteriormente pelo professor em actividades idênticas.

A **avaliação** de cada sessão inclui os seguintes *indicadores de execução*:

### Avaliação quantitativa

- N.º de professores com participação efectiva / N.º de professores previstos  $\times 10^2$  (por sala de aula);
- N.º de alunos presentes nas sessões / N.º de alunos previstos  $\times 10^2$  (por sala de aula).

### Avaliação qualitativa

- Apreciação subjectiva da aquisição de novos conhecimentos ou sua consolidação e do contacto com diferentes opiniões e perspectivas que possam contribuir, directa ou indirectamente, para a adopção/desenvolvimento de novos valores, atitudes e competências gerados pela sessão;
- grau de adesão, participação e satisfação relativamente à sessão, percebido através da intervenção dos alunos e professores, transmitindo sentimentos, comunicando impressões, respondendo às questões, facultando opiniões, colocando dúvidas e/ou pedindo esclarecimentos.

O projecto teve o seu início, a 7 de Fevereiro de 2003, na Escola EB 1 N.º 3 de Sacavém, após uma experiência-piloto na Escola EB 1 N.º 2 de Sacavém, em Dezembro de 2002 e Janeiro de 2003. Até à data, já abrangeu 5 escolas, 32 professores / turmas e 642 alunos, com 100% de



professores com participação efectiva e 93% das crianças previstas presentes nas sessões.

Concluimos com algumas frases da avaliação das crianças ("A minha opinião"), escritas com mão, cérebro e coração:

- Acho que foi bom porque assim ficámos a saber como se fazem os bebés. (Nuno, 9 anos)
- Eu adorei porque eles falaram de coisas que os meus pais têm vergonha de dizer. Quando eu fizer 29 anos, eu queria ter uma filha mas primeiro eu vou ao médico. (Simone, 12 anos)
- Aquilo que eles estavam a falar é muito importante, porque fala da gravidez e pode ser muito importante para nós e para as mães. E também quero dizer que gostei do jogo do novelo. (Antónia, 11 anos)
- Eu gostei muito do teatro e do jogo, foi muito divertido. Também gostei de estar a conversar e perceber como tudo funciona. Percebi muitas coisas importantes no corpo da mulher e aprendi as coisas que eu não percebia por que é que existiam. (Joana, 9 anos)
- Eu acho que a Cátia e o João não deviam fazer um filho agora. Deviam namorar mas fazer um filho mais tarde. Porque eles eram jovens. Mas se a Lara nasceu (...) agora eles têm que cuidar dela com muito amor. (Djalma, 11 anos)
- A minha opinião é: a Diana a nascer e o pai a dar força à mãe. (Andreia, 9 anos)
- Os espermatozóides quando saem do pénis vão para o óvulo da mulher, passado algum tempo, o óvulo começa a crescer, por causa do bebé. Passado 9 meses, o bebé nasce, começa a sair pela cabeça, depois o tronco e as pernas. (Rafael, 9 anos)
- A minha opinião em relação a ter um bebé é que têm de ir com calma e se um quer, o outro também tem que querer, mas primeiro têm de ir ao médico para ver se está tudo bem com eles mesmos e depois podem fazer o bebé à vontade. (Nuno, 10 anos)
- (...) gostei muito da senhora e do senhor falarem das coisas que acontecem na vida, porque nós tínhamos de saber mais tarde ou mais cedo. (Ana, 11 anos)
- Nós aprendemos o que era o sêmen, o que era a menstruação, os períodos, a vagina... No fim nós fomos ao intervalo mais tarde porque nós estávamos a ter aula de: EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA! (Maureth, 10 anos)
- Eu gostei muito e até foi bom para mim porque eu nunca tinha falado disto com ninguém. (Diana, 11 anos)
- Hoje, nesta aula, eu aprendi coisas que nunca pensei que pudesse saber mas agora sei que existem. (Cátia, 9 anos)
- Eu adorei fazer muitas perguntas sobre os bebés. (Josicley, 11 anos)
- A minha opinião sobre a história (...) é que esta foi muito interessante porque ainda somos crianças mas já devemos saber algumas coisas que os nossos pais não gostam de contar porque têm vergonha. (Apolinário, 12 anos)
- Aprendi muitas coisas, as coisas que mais gostei foram: existe formas mais educadas de dizer algumas coisas como vagina e espermatozóide, as mulheres páram de poder fazer filhos quando a menstruação pára, [para] prevenirmos-nos das doenças sexualmente transmitidas utilizamos os preservativos. (Alice, 9 anos)
- Na minha opinião esta história foi muito engraçada e foi muito bonito e a parte mais bonita foi a que quando o bebé nasceu. (Tiago, 9 anos)
- Ei, queres transar comigo? Só com camisinha. (Edmar, 10 anos)



- A minha opinião sobre o teatro de fantoches é boa. O teatro de fantoches é uma coisa para as pessoas se divertirem e aprenderem mais coisas sobre as mulheres grávidas ou sobre os homens ou mulheres já adolescentes. O teatro de fantoches é uma coisa para nós nos divertirmos, para pensarmos mais em nós. (Catarina, 10 anos)
- Falámos sobre coisas (...) importantes. Como se fazem os bebés. Os bebés fazem-se assim: o homem mete o esperma “dezoito” (sic) no óvulo da mulher. E depois nós esperamos que ele se junte e já temos o bebé. Esperamos que ele se forme bem. E como ele já se formou ele nasce. (...) Ele come através do umbigo porque tem uma coisa que passa e ele come. (Ana, 10 anos)
- Eu gostei de falar sobre sexo porque quando eu for mais velha já sei o que é sexo. (Dulcília, 12 anos)
- Para que serve a camisinha ou preservativo? Serve para não engravidar as mulheres ou pegar doença. (Eduíno, 11 anos)
- Os meus colegas tinham muitas perguntas. Eu só tinha uma dúvida que era como se pega a grande doença sida. (Isamara, 9 anos)
- Veio cá um Sr. chamado Nuno, e ensinou-nos coisas sobre a Educação Sexual, coisas que um dia nos vão acontecer, falou sobre a gravidez das mulheres e também sobre o período; não foi só sobre o período e a gravidez, foi sobre mais coisas. Aprendemos novas palavras e coisas novas (...) coisas que eu ainda não tinha aprendido. (Tânia, 9 anos)
- Eu quando for para a Gaspar Correia, que é quando passar para o 5.º ano, eu gostava de ter educação sexual para aprender mais. (Filipa, 9 anos)
- Eu gostei (...) porque vocês falaram de umas coisas que nós não sabíamos. E compreendi que é bonito sabermos que as coisas que aprendemos são importantes. (Carla, 9 anos)
- Eu achei que esta aula foi muito divertida, aprendemos muitas coisas, e também ao mesmo tempo divertimo-nos e estou morto por fazer outra vez a aula. (Rodrigo, 11 anos)

### Bibliografia

- (1) Marques, A. M.; Prazeres, V. (2000) *Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras*. 1.ª Edição. Lisboa: Ministério da Educação, Ministério da Saúde.
- (2) Sanders, P.; Swinden, L. (1995) *Para me conhecer, para te conhecer... Estratégias de Educação Sexual para o 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. 1.ª Edição. Lisboa: APF.
- (3) Frade, A.; Marques, A. M.; Alverca, C.; Vilar, D. (1996) *Educação Sexual na Escola. Guia para Professores, Formadores e Educadores*. 2.ª Edição. Lisboa: Texto Editora.
- (4) Branco, M. F. (1999) Metodologias em educação sexual. Nos diferentes graus de ensino. *Sexualidade & Planeamento Familiar. Revista da Associação para o Planeamento da Família*, 21/22 (2), 29-34.
- (5) Espinosa, M. C.; Díaz, M. D.; Suárez, M. J.; Rodríguez, M. E.; Montesdeoca, M. I. (1994) *Educación Afectivo-Sexual en la Etapa Primaria. Guía Didáctica del Profesorado*. Canarias: Consejería de Educación, Cultura y Deportes, Gobierno de Canarias, Dirección General de Ordenación e Innovación Educativa.
- (6) Santos, M. R.; Carvalho, A. (1999) *Rede de Recursos no Âmbito da Formação em VIH / Sida. Dinâmicas de Intervenção Social. Oficina de Formação de Formadores*. Lisboa: APF, Liga Portuguesa Contra a Sida.

## A experiência de Margarida Albergaria

■ Professora na Escola Secundária de Miraflores ■

Um dia, era eu ainda estagiária de biologia, em 1982 ou 83, numa aula um aluno perguntou-me, nada inocentemente, suponho eu, “o que quer dizer isto?” Isto era um título de um artigo de jornal, ou revista que dizia “Iggy Pop” (acho que é assim que se escreve), masturba-se em público. Na altura confesso que fiquei muito atrapalhada. Respirei fundo e, perante o silêncio profundo da turma, disse de rajada “é a prática do acto sexual solitariamente”. De seguida, o mais depressa que pude, mudei de assunto, tanto mais que, pensei eu, aquele tema não tinha nada a ver com a minha planificação da aula que, em boa hora, não era assistida pela orientadora.

Porém, a resposta que dei ao aluno deixou-me insatisfeita. Interiormente pensava que devia ser possível falar destes assuntos sem me sentir constrangida. No ano a seguir, houve um encontro sobre sexualidade organizado pela APF e lá fui. O que ouvi e aprendi fazia todo o sentido. Em 1984 fiquei efectiva numa escola do Barreiro, onde existia um grupo de matemática muito interviniente e, um dia, num contexto de acções sobre sexualidade, colocaram na sala dos professores uma corda da roupa cheia de cuecas intercaladas com mensagens sobre educação sexual. Acho que esta imagem contribuiu para eu perceber que educar também é brincar, e que a brincar se pode falar de coisas muito sérias.

Nos anos que se seguiram, já na Escola Secundária de Massamá, envolvi-me em actividades de gestão escolar. Mas, quando estas cessaram, em 1989, organizei um grupo de trabalho que começou a abordar com professores e alunos o tema SIDA. Na sequência desse trabalho, fui convidada para frequentar uma Universidade de Verão em Montpellier, sobre Educação para a Saúde. Este foi, sem margem para dúvidas, o meu ponto de viragem. O que aprendi, o que partilhei e a bibliografia que de lá trouxe fizeram de mim uma profissional diferente.

No ano seguinte (1991/1992), fiquei colocada na Escola Secundária de Miraflores onde tenho permanecido. Aí, resolvi arriscar e pôr em prática algumas coisas que tinha aprendido. Como me tinha sido distribuída uma turma de Saúde do 9º ano, propus um projecto de Educação para a Sexualidade, tendo pedido as respectivas autorizações – na minha Escola ao Conselho Executivo e à antiga Direcção Geral de Ensino Básico e Secundário. Na escola estiveram de acordo, no Ministério suponho que também.

Em primeiro lugar, perguntei aos alunos qual a sua opinião sobre este projecto, e a resposta foi a de que estavam muito interessados. A seguir, reuni-me com os Encarregados de Educação dos alunos para lhes explicar o que pretendia fazer.



E assim, ao longo de sessenta horas fui abordando, predominantemente através de estratégias activas, variados temas: Corpo, auto-estima, sexismo, orientação sexual, reprodução, doenças sexualmente transmissíveis, planeamento familiar e outros. Fui mantendo reuniões periódicas com os pais e encarregados de educação e, no final, fizemos uma avaliação que me deixou com vontade de continuar a trabalhar. Resolvi, em conjunto com a minha colega Ana Sales, criar um clube a que chamámos "Clube Escola Saudável". Muitos dos alunos que tinham estado no projecto anterior mostraram vontade de participar e tivemos a sorte de ter um grupo excepcional. No primeiro ano, decidimos todos debruçar-nos sobre a problemática do VIH/SIDA. Continuámos, ao longo de vários anos, com temas diversificados mas sempre relacionados com a sexualidade.

Uns anos depois, já com a lei nº120/99 promulgada, comecei a trabalhar com colegas de outras disciplinas na perspectiva de uma abordagem transversal. Não tem sido fácil, pois se, ao longo destes anos encontrei sempre todo o apoio dos vários Conselhos Executivos que foram passando pela minha escola, relativamente aos meus colegas, o medo de arriscar, a dificuldade de gerir estes temas com os seus programas e o receio de não saber fazer, transformaram-se em obstáculos que, para alguns, foram intransponíveis. Mas, felizmente, não para todas e aqui falo no feminino, pois todas as formações que dei, todas as reuniões que organizei, se bem me lembro, só tiveram a presença de professoras.

Algumas colegas têm organizado intervenções interessantes com os seus alunos, seja no contexto da transversalidade, seja na área de projecto ou no âmbito da formação cívica. E, quando aca-

bam os seus trabalhos, dizem que se sentem gratificadas. São em número reduzido. Também trabalho directamente com os alunos e é mesmo esse o aspecto de que gosto mais. Gosto de os ajudar a vencer os receios de se exporem quando fazem perguntas. Gosto de os ver divertidos com as estratégias activas que usamos. Gosto de lhes ver a expressão "Ah! Então é assim". Gosto de os ouvir dizer que o tempo passou tão depressa. Gosto de os ouvir!

Actualmente estou ligada a um projecto que me parece merecer toda a atenção: O debate teatral na área de sexualidade e da prevenção do VIH/SIDA. Este projecto é da responsabilidade da Comissão da Luta Contra a SIDA, em parceria com o Ministério da Educação. Estamos à espera de que sejam criadas as condições para poder arrancar nas escolas, pois o teatro ao serviço da prevenção da SIDA é inquestionavelmente uma estratégia válida e a prová-lo, temos o feedback das escolas com quem já colaborámos. Através da representação de sete pequenas histórias, um actor e uma actriz vão passando por uma série de situações que podem acontecer no quotidiano de qualquer jovem. Essas situações deixam sempre um problema no ar, que um moderador propõe que seja resolvido por alguém da assistência. Esperemos pois, que este projecto seja viabilizado com a maior brevidade possível.

A educação para a sexualidade é um tema em que tenho investido bastante tempo e me tem dado imensas compensações, quer a nível profissional, quer a nível pessoal. O trabalho com os alunos dá-me força e estímulo para prosseguir. É que quando nos damos... os outros dão-se a nós. Por todo o trabalho que tenho desenvolvido, considero-me uma professora realizada.



## Educação para a Sexualidade

**Maité Albagly**

■ Secretária-Geral, Movimento Francês para o Planeamento da Família ■

Em França, a educação para a sexualidade está normalmente integrada nos diferentes níveis do ensino escolar. Mas até há pouco tempo, foi deixada à consideração do professor ou resumia-se a uma abordagem científica do corpo, do aparelho genital e da contraceção. Diversas circulares do Ministério da Educação Nacional incitaram, porém, à abordagem da sexualidade de forma mais global. Desde 1973 que, sob a influência conjunta da revolução dos costumes e do ensino, a circular dita "Fontanet" n.º 73-299 tem encorajado os professores a darem "informação sexual" na escola. Depois da nota Savary n.º 81-502 de 17 de Dezembro de 1981, os professores de biologia tinham de prestar informações sobre a contraceção ao referirem a reprodução. No entanto, por falta de meios e de intervenientes qualificados, a educação sexual tem dificuldade em impor-se em meio escolar, apesar das disposições ministeriais.

É, no entanto, com o aparecimento da SIDA, que a necessidade da educação para a sexualidade se torna mais evidente. O facto de já não ter de se abordar a sexualidade de forma directa, o que poderia constranger os adultos, mas, pelo contrário, como um risco de saúde, facilitou paradoxalmente as coisas. Em 1996, uma circular do Ministério da Educação requer que se faça a prevenção da SIDA em meio escolar. Tornava-se efectivamente necessário informar os jovens sobre os riscos em que incorriam ao ter relações sem pro-

teccção. Com este novo risco, que vinha somar-se aos riscos das ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e das gravidezes não-desejadas, esta prevenção poderia tornar-se um pretexto para abordar a sexualidade em geral. Uma nova circular, em 1998, instaura um mínimo de 2 horas de educação para a sexualidade nas escolas secundárias, com prioridade para os alunos dos 13 aos 15 anos. Mas até esta pequena quota é difícil de aplicar. Segundo o balanço de 1997-2000, só um pouco mais de metade das escolas secundárias empreenderam acções deste tipo. Quanto às ferramentas pedagógicas, abordam frequentemente a SIDA, mas poucas a sexualidade sob outro ângulo que não seja o da doença.

O maior progresso neste domínio está na lei de 4 de Julho de 2001 sobre a contraceção e a interrupção voluntária da gravidez, que inclui no artigo 22 a obrigação de "informação e educação para a sexualidade **nas escolas primárias e secundárias** à razão de, pelo menos, **três sessões anuais** e por grupos etários homogêneos". Este reforço das disposições existentes permite sistematizar um tema até então deixado à consideração do professor. Por outro lado, a disposição relativa ao fornecimento gratuito de contraceção de emergência em 2001 a menores, nas enfermarias escolares das escolas secundárias e nas farmácias, permite abrir o debate sobre o lugar da sexualidade no ensino. O papel das enfermeiras de saúde escolar neste domínio fica, assim, reforçado. Elas são, aliás,





muito mais sensibilizadas para estas questões durante a sua formação inicial. Tal como anteriormente os médicos de saúde escolar, elas podem propor sessões sobre o tema ou pedir a intervenção de associações no estabelecimento de ensino, porque, mesmo para os adultos, nem sempre é fácil falar de sexualidade, especialmente com os seus próprios alunos. Apesar dos programas lançados pelo Ministério, existe um verdadeiro déficit de formação. Os médicos e as enfermeiras escolares continuam a ser pouco numerosos e têm dificuldade em assegurar esta informação em todas as turmas. É por isso que os intervenientes externos asseguram, por vezes, essa substituição, como a *Caisse Primaire d'Assurance Maladie*, os centros departamentais de educação para a saúde, mas também ginecologistas, sexólogos, o CRIPS e, evidentemente, o Planeamento da Família. Os intervenientes estão ainda mais à vontade porque, ao contrário dos docentes, não têm uma "história comum" com estes adolescentes.

Apesar da afluência de uma aparente massa de informação sobre o tema, os adolescentes têm hoje de se situar num conjunto de mensagens, atitudes e modelos mediáticos e sociais ligados à sexualidade, frequentemente contraditórios, confusos, e, por vezes, mesmo violentos. Teriam, em vez disso, muito mais necessidade de dissipar falsas ideias, clichés e malentendidos, e de obter respostas claras às interrogações. Nos guias para docentes editados pelo Ministério da Educação, tem sido dada, nos últimos anos, mais ênfase à educação para a sexualidade como uma componente essencial da construção da pessoa e da educação do cidadão. Ela contribui de forma específica para esta formação, na sua dimensão individual e na inserção social. Esta iniciativa é

ainda mais importante dado integrar, ao mesmo tempo, uma política nacional de prevenção e de redução de riscos - gravidezes precoces não-desejadas, infecções sexualmente transmissíveis, VIH/SIDA - e está legitimada pela protecção dos jovens relativamente à violência, exploração sexual e à pornografia e ainda pela luta contra preconceitos sexistas ou homofóbicos.

O tema desencadeia sempre paixões e suscita resistências. Para uns, fala-se demais dele, para outros, não se fala o suficiente. Alguns argumentam que se a sexualidade é natural, não tem de ser ensinada. Outros, pelo contrário, adiantam que, pela sua profunda dimensão cultural, subjectiva e emocional, a sexualidade é fundamentalmente aprendida, modelada pelos comportamentos sociais. No Movimento Francês para o Planeamento da Família (MFPPF), achamos que a educação sexual não poderia resumir-se a uma aprendizagem de conhecimentos de biologia relativamente à reprodução, tendo, porém, como missão, compreender as diferenças, apreender as formas de trocas amorosas nas relações entre rapazes e raparigas. Sabendo que a escola tem um papel específico na construção individual e social das crianças e dos adolescentes, trata-se de lhes dar os meios de conhecer progressivamente os dados essenciais do seu desenvolvimento sexual e afectivo e permitir-lhes, nomeadamente, analisar e apreender melhor as múltiplas mensagens mediáticas e sociais que os assaltam quotidianamente. A aplicação da lei de 2001, com a circular do Ministério da Educação n°2003-027 de 17 de Fevereiro de 2003 que instaura novas disposições com a organização de sessões de educação para a sexualidade nas escolas primárias e secundárias, facilitou as intervenções junto destes



jovens que o MFPP já realizava há muitos anos. A intervenção em meio escolar sobre as questões da sexualidade tenta, antes de tudo, abrir um espaço de discurso colectivo sobre a sexualidade e procura responder às verdadeiras preocupações dos jovens. Longe de se limitar a explicações científicas sobre a reprodução, a anatomia e a puberdade, muitas vezes uma forma de evitar as verdadeiras interrogações dos adolescentes, as nossas intervenções integram as relações afectivas e amorosas entre as raparigas e os rapazes e uma reflexão sobre as dimensões psicológicas, afectivas, sociais, culturais e éticas. Além disso, preferimos falar de “educação sexualizada” mais do que de educação para a sexualidade. Estas sessões têm como propósito encorajar as relações de igualdade entre homens e mulheres, a sexualidade no respeito pelo outro, a auto-estima indispensável ao encontro com o outro. Pode ser essa a ocasião para abordar, por exemplo, a dificuldade em falar de preservativos e/ou de contracepção com o seu/a sua companheiro/a...

Neste quadro, a educação para a sexualidade visa principalmente suscitar a reflexão nos adolescentes, a partir das suas representações e conhecimentos que lhes permite conhecer e compreender as diferentes dimensões da sexualidade, o que passa, nomeadamente, por trabalhar a imagem de si próprios que se constrói através da relação com os outros, sobre a análise dos ganhos e perdas, dos limites, das proibições e sobre a importância do respeito mútuo. Mas estas discussões permitem igualmente desenvolver o espírito crítico pela análise dos modelos e dos papéis sociais veiculados pelos meios de comunicação, em matéria de sexualidade. Tentamos voltar a pôr em causa com eles os modelos

sociais com que são confrontados e que estão presentes no domínio da sexualidade. Por exemplo, afirmações ou crenças, em que representações, como as que “as raparigas ‘devem’ estar apaixonadas para fazer amor”, “os rapazes só pensam nisso”, “a homossexualidade é um comportamento anormal”, etc., são sistematicamente postas em perspectiva. Para nós, a educação sexualizada deve incentivar atitudes de responsabilidade individual e colectiva, nomeadamente de comportamentos de prevenção e de protecção de si mesmo e do outro, o que deveria torná-los mais autónomos na redução dos riscos sexuais, levando-os ainda a fazer mais livremente as suas escolhas amorosas. A prevenção não pode reduzir-se a mensagens emitidas por decretos. É aceitando e reconhecendo a sexualidade dos adolescentes que se torna possível acompanhá-los melhor e transformá-los em actores da sua própria sexualidade.

Cada animador/a tem a sua técnica, mas é por vezes mais fácil separar as raparigas dos rapazes numa primeira fase. A maioria recorre a técnicas de anonimato para levar os adolescentes a falar sobre o que os atormenta. Depois, numa segunda fase, a confrontação de pontos de vista de raparigas e de rapazes num grupo misto é muito construtiva, porque os faz tomar consciência das suas diferenças, mas também das suas semelhanças, levando-os a olhar os outros de uma outra forma.

Ao nível do ensino secundário, entre jovens de 13 a 16 anos de idade, a pergunta que é feita mais frequentemente é sobre “a primeira vez”. As discussões centram-se no que é a primeira vez: primeiras carícias, primeiros beijos, primeiras rela-



ções sexuais. Nas sessões, levamo-los a reflectir no medo que cada um pode sentir quando passa ao acto e a reflectir no medo do outro. Se as raparigas admitem mais frequentemente os seus receios, os rapazes têm os seus próprios receios, só que os exprimem menos vezes, o que é, aliás, sintomático da dificuldade dos rapazes de exprimir as suas emoções, uma dificuldade muitas vezes induzida e encorajada pela educação e os modelos sociais a que têm de se cingir. Mas, infelizmente, aquando da sua primeira vez, os rapazes reconhecem os seus medos: de não dar prazer à rapariga, de não saber pôr o preservativo, de ejacular demasiadamente depressa... As raparigas podem também exprimir as suas apreensões: sangrar, ter dores, não ser capaz de dizer não, ficar grávida... As interrogações dos adolescentes são frequentemente muito precisas e assentam em normas sociais: a idade da primeira relação sexual, o tamanho normal do órgão sexual masculino, a atracção por uma pessoa do mesmo sexo... Eles exprimem uma grande necessidade de serem tranquilizados quanto à sua adequação às normas sociais. O nosso discurso visa relativizar estas normas, que pesam nos comportamentos, e, pelo contrário, insistir na importância do consentimento dos indivíduos, que deveria ser, em matéria de sexualidade, a única verdadeira norma.

Se a circular de Fevereiro de 2003 incita fortemente o pessoal docente de todo o país a investir na educação para a sexualidade e insiste na necessidade de abordar a sexualidade de forma global (luta contra os estereótipos, reflexão sobre os modelos sociais, implicações sócio-afectivas,

auto-estima), a escola, porém, dá sempre provas de timidez. Os docentes sentem não ter formação suficiente sobre a matéria, sendo alguns reticentes em abordar um tema que acham pertencer ao domínio do privado. É necessária uma verdadeira política de formação, quer se trate de formação inicial ou de formação contínua por fases, para encorajar os docentes a apostar nesta via. Esta aposta é tanto mais necessária quanto se constata um certo retorno à ordem moral e a um aumento de conservadorismo que põem em causa a liberdade de escolha e a igualdade entre homens e mulheres.

Com efeito, enquanto movimento feminista, observa-se actualmente um nítido recuo em termos da liberdade da mulher dispor do seu corpo. É preocupante ver restringir, pouco a pouco, as vitórias que se pensava serem universais e definitivas. Inúmeros exemplos actuais ilustram estes retrocessos: a supressão dos subsídios às organizações de planeamento da família pela administração Bush, o fim das ajudas na luta contra o VIH em África, o aumento dos integralismos religiosos, a invocação do princípio de excepção cultural para legitimar práticas tradicionais que atentam contra as mulheres, o avanço de movimentos anti-escolha no seio da União Europeia... A lista não é exhaustiva. Parece claro que estamos num período em que se voltam a pôr em questão valores de miscegenação, laicidade, igualdade entre homens e mulheres. No entanto, esta tendência não é inexorável. Podemos agir!



# Gravidez na Adolescência<sup>1</sup>

**Público – Alvo: Alunos do 10º ano**

**Duração: 2 aulas**

## Objectivos Gerais

**Aumentar e consolidar conhecimentos acerca:**

- das dimensões físico – afectiva e sociocultural da expressão da sexualidade;
- do planeamento familiar e, em particular, dos métodos contraceptivos;
- dos recursos existentes para a resolução de situações relacionadas com a saúde sexual e reprodutiva;

## Desenvolver atitudes:

- de reconhecimento da importância dos sentimentos e da afectividade na vivência da sexualidade;
- de prevenção face a riscos para a saúde, nomeadamente na esfera sexual e reprodutiva;
- de aceitação do direito a cada pessoa decidir sobre o seu próprio corpo.

## Desenvolver competências para:

- expressar os seus sentimentos e opiniões;
- tomar decisões e aceitar as decisões dos outros;
- aceitar os tipos de sentimentos que podem estar presentes nas diferentes relações entre as pessoas;
- adoptar comportamentos informados em matérias como a contracepção.

## Objectivos Específicos

- Aumentar e consolidar vocabulário relacionado com o tema;
- Praticar funções de linguagem (ex.: dar opinião / concordar / discordar / aconselhar...);

## Avaliação

Observação directa e análise do trabalho escrito

## Planificação da Actividade

### Aula 1

Os alunos são divididos em grupos de 4 elementos e cada grupo:

- lê e analisa os textos apresentados;
- refere qual o tema comum;
- indica quais as alternativas escolhidas em cada situação.

**A** - "There wasn't a day that passed when I didn't think of him. And even though he was just a tiny baby when I had to give him away I told him to come back to me – and he did."

Camel

**B** - "He was a mistake – but one I've never regretted. I am so glad I've got him, even if the circumstances are far from ideal. Unlike my boyfriend, my parents have been a great help. I couldn't have coped without them."

Vicky

**C** - "We sat down and talked, and said he would stand by me whether I decided to keep the baby or not. When it came down to it though, neither of us could bear the thought of an abortion – that seemed far worse than actually having the baby, and so we decided that I'd have it and we'd look after it together."

Marie

Sources: Best, Just Seventeen, M.C.B Magazine. Dec. 1996

(1) Fonte: Trabalho apresentado no âmbito da Acção de Formação sobre Educação Sexual que decorreu na Escola Secundária Miguel Torga, em Novembro de 2001.



# Trabalhando Temas

**D** - "This is my life.  
It's my choice.  
It's what's best for me – for us.  
Here comes the nurse.  
I'll see you later, Steve.  
You'll be here when I wake up, won't you?  
Please be here."

Enquanto os alunos trabalham em grupo o professor expõe alguns cartões com palavras que expressam sentimentos e cada grupo:

- escolhe um dos textos;
- de acordo com o texto escolhido selecciona três palavras;
- Justifica a escolha;
- Escreve um pequeno texto descrevendo um final para a situação.

UNDERSTANDING		SHAME	
REGRET	GRATITUDE	HOPE	GUILT
COURAGE		DESPAIR	ANXIETY
DETERMINATION		DEPRESSION	
WEAKNESS	RELIEF	LOVE	HOPELESSNESS
UNHAPPINESS			

## Aula 2

Os alunos voltam a agrupar-se e preparam um "Role Play" da situação que analisaram na aula anterior, no qual cada um desempenhará um papel diferente (ex.: jovem grávida, pai, mãe, namorado, amigo/amiga, ...). De seguida, apresentam-no à turma.

## Comunicação: - a expressão dos afectos - a partilha do amor<sup>1</sup>

**Destinatários:** Alunos do 11.º ano  
**Duração Prevista:** 4 tempos de 50 minutos  
(2 blocos de 110 minutos)

### Competências a Desenvolver

- Expressar os seus sentimentos, opiniões e decisões;
- Aceitar sentimentos, opiniões e decisões dos outros;
- Avaliar a importância destas competências na relação amorosa.

### Descrição da actividade

#### 1.ª e 2.ª aulas

Comunicação: - a expressão dos afectos

### 1.ª aula – Mímica

- Divisão da turma em 6 pares mistos e 2 grupos de observadores com 8 alunos cada, organizados por sexo;
- O professor fornece, à sorte, a cada par misto, uma etiqueta com um sentimento/uma emoção. O par deverá expressá-lo, pela mímica, de modo a que os colegas (o grupo dos rapazes e o grupo das raparigas) o identifiquem, por escrito.
  - Alegria
  - Ciúme
  - Amor
  - Tristeza
  - Desespero
  - Ódio

(1) Fonte: Trabalho apresentado no âmbito da Acção de Formação sobre Educação Sexual que decorreu na E. S. Ferreira Dias, Cacém, Fevereiro de 2002.

## 2.ª aula – Debate

- Confronta-se a mensagem descodificada pelos 2 grupos (masculino e feminino) com a solução de cada par e discute-se:
  - Dificuldades sentidas pelos mesmos em expressar esses sentimentos/emoções;
  - Dificuldades dos observadores em interpretar a mímica;
  - Diferenças e/ou semelhanças entre as descodificações dos 2 grupos (masculino/feminino).

Pretende-se que o debate leve a concluir que há formas diversificadas, mas igualmente válidas, de exprimir sentimentos/emoções/opiniões sobre as mais diversas questões; não há verdades absolutas. Pretende-se, ainda, que cada um aceite os outros e se aceite, com as suas características específicas.

## 3.ª e 4.ª aulas

Comunicação: - a partilha no amor

## 3.ª aula – Canção “Sozinho”, de Caetano Veloso

- 1.ª audição da canção sem o texto;
- 2.ª distribuição do texto em fotocópias;
- 3.ª questionário sobre o conteúdo do poema.

### Questionário

Com base na análise do poema, responde às seguintes questões:

1. Consideras que existe comunicação bilateral nesta relação? Porquê?
2. Qual dos seguintes conceitos associas a esta relação amorosa: liberdade/ servidão? Justifica.
3. Comenta os versos seguintes:  
“Eu tenho os meus segredos e planos secretos  
Só abro pra você mais ninguém”
4. Que sequência dás a esta relação?

## 4.ª aula – Correção do questionário

Em diálogo professor ´ aluno, aluno ´ aluno, serão analisadas as respostas dadas pelos alunos e o

professor fará, no quadro, a sistematização das principais conclusões.

Assim, a relação amorosa implica:



O método de trabalho utilizado é activo, com recurso às técnicas de trabalho de grupo, role play e debate.

A avaliação dos alunos será feita com base na participação e no empenho investidos nas actividades – pela observação directa e pela análise dos materiais produzidos.

## Sozinho

Às vezes, no silêncio da noite  
Eu fico imaginando nós dois  
Eu fico ali sonhando acordado, juntando  
O antes, o agora e o depois.  
Por que você me deixa tão solto?  
Por que você não cola em mim?  
Tô me sentindo muito sozinho!  
Não sou nem quero ser o seu dono  
É que um carinho às vezes cai bem.  
Eu tenho os meus segredos e planos  
secretos  
Só abro pra você mais ninguém  
Por que você me esquece e some?  
E se eu me interessar por alguém?  
E se ela, de repente, me ganha?  
Quando a gente gosta  
É claro que a gente cuida  
Fala que me ama  
Só que é da boca pra fora.  
Ou você me engana  
Ou não está madura  
Onde está você agora?

**Bis**

**Caetano Veloso**



## Manual SER+

### Programa de Desenvolvimento Pessoal e Social para Crianças, Jovens e Adultos Portadores de Deficiência Mental



Este manual procura ser um contributo para apoiar pais, professores, educadores e outros profissionais, nomeadamente responsáveis das instituições que pretendam valorizar e investir, com efectividade, no desenvolvimento pessoal e social das crianças, jovens e adultos portadores de deficiência mental. Trata-se do produto final de um projecto financiado pelo Programa Ser Criança, desenvolvido através de uma parceria entre a Delegação Regional de Lisboa da APF, o Serviço de Atendimento Técnico Precoce e o Centro Sócio-Educativo (da APPACDM de Setúbal) e o Centro de Consultas e Diagnóstico (da APPACDM de Lisboa).

Dadas as particularidades da população portadora de deficiência mental, nomeadamente a sua grande variabilidade individual, considerou-se que a articulação entre a reflexão, a experimentação e a avaliação continuadas asseguraria um resultado final mais próximo da realidade concreta e, como tal, uma maior utilidade aos profissionais envolvidos com essa população.

Assim, como forma de dar conta do percurso seguido pelas equipas envolvidas, aos vários níveis, são explicitados, na Introdução, os princípios gerais, objectivos e processos organizativos do projecto. Para o enquadramento teórico do trabalho

realizado e para a justificação das opções tomadas ao longo desse percurso e das actividades executadas, são abordadas, seguidamente, algumas questões fundamentais relacionadas com a auto-estima. Nesse capítulo, relacionam-se os aspectos teórico-científicos e a reflexão acerca das práticas educativas, familiares e profissionais, com uma proposta de formas possíveis de intervir positivamente nesse domínio.

Os capítulos relacionados com a educação sexual abarcam os conceitos, as estratégias de intervenção e, nesse âmbito, o papel da família e dos profissionais que trabalham com estas populações.

Ocupando uma parte substancial desta publicação, são descritas actividades pedagógicas desenvolvidas pelos profissionais participantes no projecto, explicitando-se os objectivos, as estratégias, os recursos utilizados e uma breve análise dos resultados obtidos.

Com a coordenação de António Manuel Marques, este manual tem como autores Ana Mafalda Ferreira, António Manuel Marques, António Neves, Carlos Rodrigues, Cristina Lapa, Diamantino Alves, Fátima Forreta, Francisca Neves, Joana Matias, José Salazar, Manuel Barbeitos, Maria João Sardinha e Vítor Nunes.

**António Manuel Marques**

*Coordenador do Projecto, Sociólogo e Voluntário da APF*

## O recurso ao Teatro como estratégia para a Educação Sexual

Fazer Educação Sexual é sobretudo inovar, criar novos caminhos nos percursos educativos da escola, é implementar estratégias que sejam alternativas na forma de fazer crescer. A Educação Sexual deve ser uma realidade. A existência de grupos de teatro nas escolas, ou da disciplina de teatro, dão-nos possibilidade para tratar temas e discutir e treinar atitudes, devendo essa situação ser encarada como um caminho possível, com muitas hipóteses de sucesso, na implementação da ES. Podem treinar-se competências dos alunos, capacidades para exprimir posições sobre o que sabem e sentem, ou fazê-los vibrar com ideias e valores com os quais se identifiquem: é treinar a vida, num faz de conta importante.

Os alunos gostam de representar e gostam de ver os seus colegas representar. E para que não fiquem dúvidas sobre o que viram ou fizeram, é sempre possível promover um debate final.

O relato que aqui apresento, corresponde ao trabalho desenvolvido nas aulas de Teatro da turma A, do 9º ano, da Escola Secundária D. Dinis, de Coimbra, orientado pelo professor Vítor Matos, como resposta a uma proposta lançada por mim, no contexto do projecto de Educação Sexual e no âmbito da III semana de Esclarecimento Contraceptivo e do Dia Mundial de Luta Contra a SIDA.

### O trabalho desenvolveu-se do seguinte modo:

O professor apresentou a ideia base aos alunos – pro-

duzir uma reflexão, sob a forma de espectáculo dramatizado, subordinado à problemática da prevenção de comportamentos de risco, ao nível da vida sexual, centrando a reflexão nas atitudes do sexo masculino.

Cada aluno escreveu um pequeno texto iniciado por “É de homem...”. Os textos eram anónimos e foram colocados num cesto. Formando uma roda, em grande grupo, foram-se tirando ao acaso os textos e lidos em seguida. Os alunos procuravam identificar quem tinha escrito aquelas frases. Interpretavam-se os seus sentidos e significados. Formaram-se grupos de trabalho de 4 ou 5 elementos e, com base nos textos de cada um, elaborou-se o texto do grupo. Em seguida, cada grupo preparou a apresentação dramatizada desse texto, apresentando, aos demais, o seu trabalho. No final, comentou-se o trabalho de cada grupo.

Ficou combinado que, para a sessão seguinte, o professor elaboraria um texto, explorando as ideias apresentadas quer nos textos, quer nas dramatizações dos grupos de trabalho. Deste modo surgiu o texto base, que na sua estrutura global é o que abaixo se apresenta.

Foi feita, com sucesso, uma primeira apresentação em público no dia 1 de Dezembro de 2005, na Casa Municipal da Cultura de Coimbra. Aguardam-se as noites de teatro do final do ano lectivo, para então repor este trabalho e talvez outros, já entretanto produzidos pela turma.

**Maria Eugénia Lemos**

*Professora do Ensino Secundário e Voluntária da APF*



## Educação Sexual em Rede





## É de Homem!

Actor A	Coro A	Actor B	Coro B	Actor C	Actor D
Ser homem!	Ser homem!	É de homem...	É de homem...	Sou homem...	Sou homem!
Criador	Viver!	Um grande	E Morrer!	Penso, sinto	Sou macho!
Inventor	Vencer!	reprodutor!	E perder!	Que me corrijam se	Sou forte! Sou leão!
Construtor	Amar!	Ou então destruidor!	E matar	minto!	Sou o rei da criação!
É de homem	Subir!	E morrer!	E Cair!	Sonho, canto esta vida	Animal descomunai!
viver!	Construir!	E perder!	E Destruir!	é um espanto!	Sem medo!
Crescer		Pisar...		Tem dias também em que	Não choro!
combater!	Namorar!	esfolar!	E Dominar!	rompo num pranto	Dou porrada
Ganhar, vencer,	Gritar!	Torturar...		por dentro de mim	P'la calada
Criar...		matar!	E Dominar!	uma tristeza sem fim	Com cilada
amar	O Amor!	Fugir! Cair!		um doer sem	Bem montada
Crescer, subir!		Destruir!	E a maldade!	ter sim... nem não...	Vou na rua - Mostro a minha coragem
Construir,	Perdoar!			sem razão.	Mostro a musculatura!
resistir!		E pisar, ferrar,	E Vingar!	Mas depois...	Vejam esta tatuagem!
É de homem...	Cuidar!	dominar!		de manhã...	Tenho a faca na cintura
Abraçar! Beijar!		Escravizar!		Há sinais	E a mota na garagem -
Namorar!			E Estragar!	Nos teus olhos!	- Estou sempre de viagem
Cantar, dançar,		É de homem domi-		São demais!	Isto sim é que é cultura!
Partilhar!		nar!		Na tua mão	Faço sexo, prego a fundo,
É de homem		E a dor!		Vejo mais,	A miúda na pendura -
gritar, chorar,		E a maldade!		Todo o mar	Não me importa já ter nexo.
suspirar				Onde vou embarcar.	Fumo tudo! Bebo tudo!
É do homem		E mentir!		Ilusão?	Eu sou eu! Sou sortudo!
O amor		E vingar!		Temo então	E é sempre assim!
A amizade				não poder	Sempre em frente!
É de homem				Lá chegar!	Não existe igual a mim, Radical,
A verdade!				Sonhar!	poder de mente!
Decidir!		E esquecer!		Remar! Remar!	O maior! Dominador!
Perdoar!		Estragar!		Sei que te vou encontrar!	Não me mete medo a dor!
				Sou homem assim!	Ganho sempre
				Mostro então	a toda a gente!
É de homem				o meu saber	Elimino quem se opor!
Enfrentar!				Acredito em mim!	Mostro assim o meu poder.
Proteger!				Sei cuidar	Sou como uma chama a arder!
Cuidar!				do meu ser!	Não me venham com lições!
É DE				Tenho grande	Tenho as minhas razões:
HOMEM...				o coração	Serei talvez imortal!
				e contigo	De medos não há sinal,
				vou escolher,	Nem a morte me quer seu!
				vou viver	Sem passado nem futuro,
				e se me vires	Só m'interessa o presente.
				a tremer,	Mesmo quando está escuro
				não me largues	vou em frente!
				a mão.	Sou valente!
				União é poder	Durmo até com o inimigo
					Sem abrigo!

Texto produzido pela turma A do 9º ano (disciplina de Teatro) da Escola Secundária D. Dinis, de Coimbra

■ Nome	■ NIF
■ Morada	
■ Cód. Postal	■ Localidade
■ E-mail	■ Telefone
■ Assinatura Individual	10.00 € <input type="checkbox"/>
■ Assinatura para Sócios APF / Membros da REDES	8.00 € <input type="checkbox"/>
■ Assinatura para Escolas e Instituições	15.00 € <input type="checkbox"/>

○ pagamento da assinatura pode ser efectuado mediante envio, para a APF, de Cheque ou Vale de Correio em nome da Associação para o Planeamento da Família, ou por transferência bancária para o NIB 003300005008010109505.

■ APF Rua Artilharia Um, 38 – 2º Dto. – 1250-040 Lisboa ■ Tel. 21 385 39 93 ■ Fax 21 388 73 79 ■ E-mail apfsede@apf.pt